

A Bíblia em camadas

Sáhlua Miguel Volc

Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Faculdades Pequeno
Príncipe (FPP), Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: sahlua@hotmail.com

RESUMO

A Bíblia Sagrada dos cristãos é, para os que nela creem, o legado que Deus deixou para a humanidade. Escrita por homens inspirados pelo Espírito Santo, compila descrição de fatos, ordenanças, louvores e ensinamentos. O argumento deste artigo é que nem sempre entendemos a profundidade do que nela se encontra. Alguns a tomam por simples obra literária, alegoria religiosa ou aplicativo de telefones móveis. Por meio da praga de Asdode, descrita em um dos seus livros (I Samuel), faremos uma jornada pelas ciências e artes, verificando como Deus já havia deixado um relato específico, um alerta para um futuro distante, ratificando que, ao adentrarmos as camadas da Bíblia, poderemos desfrutar de benefícios inimagináveis ao leitor desatento.

PALAVRAS-CHAVE

Praga de Asdode. Peste negra. *Yersinia pestis*.

INTRODUÇÃO

A Bíblia tem sido a obra de referência para os cristãos ao longo dos séculos. Por muitos, declarada como o livro mais lido e vendido do mundo. A premissa deste artigo é de que esse livro contém camadas que nem sempre são percebidas.

Para os cristãos, Deus conversa com seu povo por meio das palavras desse longo acervo de 66 livros, escritos por homens “iluminados” pelo Espírito Santo, reiterando, escrito por homens. A responsabilidade humana é negligenciada na Bíblia, tanto na sua escrita como na sua leitura. Deus permitiu que homens colocassem, em palavras, situações que lhes parecessem dignas de nota para que servissem de correção, consolo e ensino. Esses homens foram inspirados pelo Espírito Santo, e, para o cristão, isso é de valor inestimável. Todavia, quando as pessoas em geral a leem, várias a tratam como mero registro histórico de um povo antigo e antiquado ou páginas destinadas a elencar as mazelas e os pecados de gente que não existe mais.

Não, para os crentes que reconhecem o Deus triúno como aquele que, além de ser o Criador do Universo, continua a cuidar dele, a Bíblia não se resume a páginas amareladas e empoeiradas esquecidas no tempo, muito menos a uma obra passível de revisão por eruditos contemporâneos, considerando que estes se tornarão obsoletos em um piscar de olhos; para os crentes, ela é atemporal. Antes, a Bíblia é uma obra de sabedoria que “excede todo o conhecimento” de qualquer época, local e cultura.

Com base nesses pressupostos, o presente trabalho teve como objetivo mostrar que a Bíblia Sagrada dos cristãos foi escrita em camadas, em que tanto o mais simples como o mais avançado em estudos podem adentrar. Um mesmo relato pode evocar sentimentos diversos, dependendo do leitor e da situação. Pode tanto consolar como instruir. Pode tanto corrigir como orientar. E pode, ainda, ser solenemente ignorado. Para se lograr o êxito desejado, ele pautou-se por uma pesquisa bibliográfica exploratória, descritiva e explicativa, centrada especialmente no objeto de estudo, a Bíblia Sagrada dos cristãos.

A IMPORTÂNCIA DA INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

Iniciamos esta etapa do presente trabalho com a motivação de perpassar as camadas de uma dessas situações descritas. Sugere-se perguntar o porquê de certa situação em particular ter sido escolhida para relato.

Uma dessas situações consegue um efeito interessante nesse contexto, pois, com bastante cuidado, é possível perceber nele a combinação das ciências naturais (biologia e medicina) com a história e as ciências políticas, envolvendo também a teologia. E, como “bônus”, encontra eco nas artes. Atualmente, poderíamos classificá-lo como interdisciplinar. A partir deste momento, referimo-nos a esse episódio como a praga de Asdode.

No primeiro livro do profeta Samuel, no quinto e sexto capítulos, encontra-se o uso indevido de um artefato sagrado, a arca da aliança. Os filhos do sacerdote Eli, denominados execráveis pelo próprio Deus, ousaram dispor da arca. Eles não consultaram a Deus, simplesmente se apossaram do sagrado com vistas a um ganho pessoal. Caso vencessem a batalha contra os filisteus que se avizinhavam, os execráveis teriam sido os que portaram o objeto de vitória, as mãos “abençoadas” que haviam propiciado a glória de Israel. O sacerdote Eli, pai dos execráveis, tinha consciência da culpa de não ter corrigido seus filhos e, com certeza, não conseguiu impedi-los de cometer tal sacrilégio. Por fim, o mais temido aconteceu, os filisteus venceram Israel e roubaram a arca da aliança. Ao tomar conhecimento dessa desgraça e da morte dos seus dois desobedientes filhos, o sacerdote Eli também morreu. Apesar de rica em significado, essa situação é apenas o pano de fundo da discussão no presente trabalho.

Os filisteus levaram a arca da aliança para Asdode e a entregaram ao deus deles, Dagom. Os filisteus deviam ter desconfiado de que algo não iria bem quando a estátua de Dagom amanheceu de rosto no chão no dia seguinte. Insistiram no erro, e, na outra manhã, a estátua estava novamente com rosto em terra, só que agora com a cabeça e os braços cortados. De que serviria um deus manufaturado e de cabeça e braços cortados?

Mesmo assim, insistiram em manter a arca da aliança com eles. Nesse momento, iniciou-se a praga de Asdode. Rapidamente, brotaram tumores pelo corpo de pessoas indistintamente, com efeitos fatais. Morriam tanto crianças como adultos e idosos. A arca, então, passou a ser levada de cidade em cidade, e, por onde ia, a morte a acompanhava, sempre com o brotamento de tumores pelo corpo, que resultavam no óbito da maioria dos acometidos. Sabemos que a ocorrência era rapidamente mortal porque a Bíblia nos declara que a arca esteve com os filisteus por apenas sete meses, tempo suficiente para ceifar a vida de muitos. A peste foi tão intensa a ponto de ser caracterizada como “terror de morte”.

Então, enviaram mensageiros, e congregaram a todos os príncipes dos filisteus, e disseram: Devolvi a arca do Deus de Israel, e torne para o seu lugar, para que não mate nem a nós nem ao nosso povo. Porque *havia terror de morte* em toda a cidade, e a mão de Deus castigara duramente ali (I Samuel 5:11, grifo nosso).

O termo tumor, que em algumas traduções da Bíblia é trocado pelo termo hemorroidas, tem sido objeto de discussão. Tanto do ponto de vista médico como linguístico, não são termos intercambiáveis. Pitanga (1994) refutou a tradução do termo *ephōlîn* para hemorroidas, favorecendo a tradução do termo para tumores ou tumefações, após se debruçar sobre os aspectos linguísticos da questão, exatamente no texto do Primeiro Livro de Samuel, que estamos detalhando.

Técnica e cientificamente, a peste de Asdode não poderia se referir a hemorroidas, que é o termo utilizado para descrever veias ao redor do ânus e do reto que se dilatam. Podem se inflamar com o tempo e formar tumefações no local, o que pode ter gerado a confusão linguística, entretanto, não poderiam causar o “terror de morte” descrito no relato bíblico, ainda mais em um período curto de sete meses. Os estudos mostram que a peste de Asdode teria sido um quadro de diarreia aguda que culminaria em graves hemorroidas, todavia, deve-se destacar que um quadro tão severo de diarreia não poderia ocorrer sem outros sinais e sintomas digestivos, como náuseas e vômitos, pormenores estes que dificilmente passariam despercebidos ao autor bíblico. Outra evidência bíblica que contrasta com a hipótese da diarreia aguda é o de crianças acometidas com tais tumores. Mesmo em quadros severos de diarreia, crianças não costumam de-

envolver hemorroidas e sim vômitos e desidratação grave. Não há menção disso no quinto e sexto capítulos do Primeiro Livro do profeta Samuel. Existe, entretanto, outra patologia que se enquadra perfeitamente à peste de Asdode, sem tirar, tampouco colocar qualquer raciocínio externo ao texto deixado pelo autor bíblico: a peste bubônica ou peste negra.

A PESTE NEGRA

O argumento apresentado é baseado em relatos e estudos sobre essa pandemia na Idade Média. Historiadores consideram que a peste bubônica, assim chamada por fazer brotar tumores inflamatórios ou bubões pelo corpo dos acometidos, tenha se iniciado na Ásia. A expressão “peste negra” foi cunhada a partir do aspecto que os tumores inflamatórios passavam a ter com o passar dos dias, o de placas enegrecidas.

Tal peste foi a causa da epidemia ocorrida no século XIV, em diferentes regiões do planeta, que dizimou parte de sua população. Existem relatos de pessoas com a peste em 1330 na Ásia Central, na região que pertence hoje ao Quirguíquistão, área da antiga União Soviética. Entretanto, acredita-se que ela exista desde as mais antigas civilizações. Resultados de um longo trabalho de pesquisadores da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, liderados pelo geneticista dinamarquês Eske Willerslev, embasam tal teoria.

A peste extermina milhões de humanos há quase 6.000 anos, muito antes do que se acreditava. De acordo com estudo feito por pesquisadores da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, a doença é responsável pela morte de humanos na pré-história, pelo menos 3.300 anos antes do primeiro registro histórico conhecido da doença, uma peste que atingiu a Europa em 541 e é chamada de “Praga de Justiniano” (“PESTE ATACA HUMANOS DESDE A PRÉ-HISTÓRIA, DIZ ESTUDO”, 2016).

Esse foi um tempo da história marcado por turbulências sociais, a Baixa Idade Média, durante a qual a Europa estava sendo varrida por revoltas camponesas e sofrendo o desmonte do feudalismo. É nesse contexto que ocorreu a peste negra. A partir da Ásia Central, a peste se transmitiu pela Rota da Seda, atingindo a Crimeia em 1343. De lá, por meio marítimo, em navios genoveses, alcançou toda a bacia do Mediterrâneo, adentrando a Itália e, posteriormente, toda a Europa (IBEJI, 2011). Com o transporte das coloridas sedas, entre outras mercadorias, o mal se alastrou.

Analisando a situação, pergunta-se:

- O que poderia ter feito entrar no mundo dito “civilizado” e “cristianizado” um verdadeiro terror de morte?
- Sob um olhar da fé, o cristianismo poderia ter alguma resposta?

Giovanni Boccaccio (1979), em sua obra *Decameron*, traz um registro marcante dos acontecimentos que se sucederam à entrada da peste na Europa. Ele próprio perdeu uma filha para a peste. Descendente de um rico burguês italiano, Boccaccio nasceu em Paris, na França, no ano de 1313, e teve oportunidade não somente de estudar, como também de viajar pela Europa. Portanto, quando a peste eclodiu, em sua região, no ano de 1348, foi um observador inserido naquela terrível realidade e com sua reconhecida capacidade literária se tornou uma das principais fontes de informação sobre a peste para toda a posteridade. Ele chegou a declarar que “as pessoas almoçavam com seus amigos e jantavam com seus ancestrais no Paraíso”. Frase célebre e contundente, que resume a rapidez com que esse flagelo ceifava a vida. No prefácio dessa obra, Boccaccio (1979, p. 5) declara a incapacidade e impotência dos que se diziam detentores do saber médico diante da peste:

Para tratar tais enfermidades não pareciam ter préstimos nem proveito a sabedoria dos médicos e as virtudes da medicina: ao contrário, seja porque a natureza do mal não admitisse tratamento, seja porque a ignorância dos que a tratavam (cujo número era enorme, havendo além dos cientistas, também mulheres e homens que jamais haviam feito estudo algum de medicina) não permitisse conhecer a sua causa, nem portanto usar o devido remédio, não só eram poucos os que se curavam, como também quase todos morriam nos três dias seguintes ao aparecimento dos sinais acima referidos, uns mais cedo, outros mais tarde, a maioria sem febre alguma ou qualquer outra complicação.

E ainda mais nos informa como o povo da época entendia a maneira como a peste era transmitida:

E a peste ganhou maior força porque dos doentes passava aos sãos que com eles conviviam, de modo nada diferente do que faz o fogo com as coisas secas ou engorduradas que lhe sejam próximas. E mais ainda avançou o mal: pois não só falar e conviver com os doentes causava a doença nos sãos ou os levava igualmente à morte, como também as roupas ou quaisquer outras coisas que tivessem sido tocadas ou usadas pelos doentes pareciam transmitir a referida enfermidade a quem as tocasse (BOCCACCIO, 1979, p. 6).

Boccaccio (1979, p. 19) descreveu, de maneira clara e objetiva, a origem da peste, bem como a característica das lesões por ela provocadas:

No começo de outubro, no ano 1347 da encarnação do Filho de Deus, doze galeões Genoveses que estavam fugindo da vingança de Nosso Senhor, vingança essa lançada contra seus feitos nefastos, entraram no porto de Messina. Em seus ossos traziam tão virulenta doença que qualquer um que tão somente falasse com eles enfrentaria seus sintomas mortais e logo sucumbiria sem esperanças de evitar a morte. A infecção se espalhou para todos que tiveram intercurso com os doentes. Os infectados se sentiam penetrados por uma dor que se fazia sentir por todo o corpo e, por assim dizer, indeterminada. Então desenvolviam em suas virilhas e em seus braços bolhas pustulentas [...]. Apareciam, no começo, tanto em homens como nas mulheres, ou na virilha ou nas axilas, algumas inchações. Algumas destas cresciam como maçãs, outras como um ovo; cresciam umas mais, outras menos; chamava-as o povo de bubões. Em seguida o aspecto da doença começou a alterar-se; começou a colocar manchas de cor negra ou lívidas nos enfermos. Tais manchas estavam nos braços, nas coxas e em outros lugares do corpo. Em algumas pessoas as manchas apareciam grandes e esparsas; em outras eram pequenas e abundantes. E, do mesmo modo como, a princípio, o bubão fora e ainda era indício inevitável de morte, também as manchas passaram a ser mortais.

Segundo registros mais recentes, uma das últimas epidemias de peste bubônica ocorreu na Argélia, em 1944, tendo inspirado a Albert Camus, Prêmio Nobel de literatura, a escrever o romance *A peste*. Não obstante, a peste negra ainda se mantém endêmica em muitas regiões do planeta, especialmente nas menos desenvolvidas economicamente.

Mesmo depois de tanta aflição, com avanços e retrocessos da peste, por aproximadamente cinco séculos, desde o século XIV, ainda ficava a dúvida quanto à sua causa. Portanto, muito tempo se passou desde a mortandade descrita por Boccaccio e outros célebres, como o poeta italiano Francesco Petrarca (1304-1374), até que se descobrisse a real causa desse “terror de morte”.

Ainda no século XIV, houve tentativas de imputar aos judeus a causa da peste negra. Entretanto, como eles haviam sido expulsos da Inglaterra pelo rei Eduardo I, no ano de 1290 (Edito de Expulsão), e a peste negra devastou a Inglaterra muitos anos depois, o argumento não ganhou força. A afirmação de que os judeus foram os causadores da peste não se sustentou, pois eles foram expulsos da Inglaterra muitos anos antes. Nessa incerteza, miasmas e outras explicações pouco plausíveis acabaram sendo usadas na época.

A verdadeira causa somente veio a ser conhecida no século XIX, quando o médico suíço-francês Alexander Yersin (1863-1943) conseguiu identificar um bacilo Gram-negativo como sendo o agente etiológico da doença. Por esse feito, a bactéria recebeu o nome de *Yersinia pestis* (SCHUENEMANN *et al.*, 2011).

É interessante notar que arqueólogos conseguiram comprovar que a peste negra do século XIV foi realmente causada pela bactéria *Yersinia pestis*, ao encontrarem o agente em corpos durante escavações realizadas de 1986 até 1988 em cemitérios londrinos que datam daquele período (GRAINGER; HAWKINS, 1988).

Apesar de alguns questionamentos na literatura especializada, um artigo científico de 2010 conseguiu isolar material genético da bactéria *Yersinia pestis* a partir de corpos de valas comuns de vítimas da peste negra em vários pontos de norte a sul da Europa, possibilitando a reconstrução histórica detalhada dessa infecção (HAENSCH *et al.*, 2010).

A bactéria *Yersinia pestis* foi ratificada como o agente causal da peste negra, mas faltava ainda um importante detalhe: como se daria sua transmissão. Tal resposta veio em 1898, com o médico francês Paul-Louis Simond (1858-1947), ao demonstrar que a pulga do rato seria efetivamente a transmissora da peste. Resalta-se que Simond esteve no Brasil, entre 1901 e 1905, numa missão do Instituto Pasteur de Paris, para participar de investigação sobre a febre amarela, independentemente de seus trabalhos sobre a peste negra.

No século XIX, já existiam informações da ocorrência de surtos de morte entre ratos, precedendo surtos da peste negra. Essa relação foi tão importante que, em 1897, o médico japonês Ogata Masanori (1853-1919) descreveu um surto de peste em Formosa como sendo a “peste do rato” e demonstrou que as pulgas desse roedor carregavam a bactéria da peste. O rato, então, passa a ser peça fundamental no desenrolar da peste, um animal que era muito comum no convívio humano, inclusive na Idade Média.

Entretanto, muito antes dele, em 1630, Nicolas Poussin (1594-1665), pintor francês do período barroco, foi contratado por um rico comerciante siciliano para retratar a peste de Asdode descrita na Bíblia. Como a Itália encontrava-se exatamente em um surto de peste negra na época, Poussin teve condições de colocar em sua obra a percepção completa do que hoje denominaríamos de “situação epidemiológica”, podendo-se identificar claramente o diálogo entre sua pintura e a informação mencionada da Bíblia. Em seu quadro, nota-se a presença de ratos na cena, principalmente na base da escadaria, bem próximos a dois homens carregando um cadáver. A associação desses roedores com a morte está, então, retratada para a posteridade de forma marcante.



Figura 1 – A peste de Asdode, de Nicolas Poussin
Óleo sobre tela de 1630. Museu do Louvre, Paris, França¹

Coube ao Instituto Pasteur de Paris, por meio do Dr. Simond, esclarecer o restante da cadeia de transmissão da bactéria *Yersinia pestis*, um ano após a observação do Dr. Ogata Masanori. Concluíram que a pulga *Xenopsylla cheopis* sugava o sangue de ratos infectados e transmitia a doença ao picar os seres humanos. A maioria dos ratos é resistente à *Yersinia pestis*, mas, eventualmente, ela pode matar esses roedores também. Quando a comunidade é infestada por ratos e suas pulgas, a peste negra se espalha facilmente. É exatamente essa situação que Poussin retrata no quadro sobre a peste de Asdode cerca de dois séculos antes do bacteriologista suíço Emile Jean Yersin (1863-1943) e Simond. Com a confirmação do Instituto Pasteur em 1898, medidas de controle e erradicação de ratos passaram a ser tomadas em navios, portos e cidades (BARBIERI *et al.*, 2020).

Tempo depois, a partir dos anos 1930, com o uso de sulfas e antibióticos, a taxa de mortalidade pela peste negra caiu progressivamente. Em 1907, foram atribuídas à doença mais de um milhão de mortes pelo mundo. Passados 50 anos, foram registrados cerca de 4.600 óbitos por essa causa. Hoje, não é considerada mais uma doença epidêmica, embora não tenha sido erradicada. Em regiões menos desenvolvidas, como o Nordeste do Brasil, a peste negra ainda ocorre. Em 2010, foram documentados 584 óbitos por essa causa pelo mundo (BARBIERI *et al.*, 2020).

Trabalhos mais recentes têm ressaltado a importância da transmissão inter-humana da doença, mas o rato é parte fundamental do ciclo vital da peste negra.

¹ Disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010062502>. Acesso em: 24 mar. 2023.

AS CAMADAS DA BÍBLIA

Depois da breve resenha histórico-científica acerca da peste negra, incluindo também uma leitura artística do tema, volta-se novamente ao conteúdo das Sagradas Escrituras dos cristãos, a Bíblia, na qual, em um de seus cinco primeiros livros, denominado Levítico, encontram-se inúmeros registros sobre orientações sanitárias.

De acordo com a tradição judaico-cristã, baseada na própria Bíblia, sabe-se que o povo escolhido de Deus, os hebreus, peregrinaram pelo deserto do Oriente Médio, cerca de 40 anos, depois de sua saída do cativeiro egípcio, vivenciado durante quatro séculos, até chegar à sua chamada Terra Prometida, Canaã.

Segundo informações extraídas dos próprios componentes do Pentateuco, obtém-se a informação de que Deus acompanhou esse povo de perto e os protegeu, justificando as profecias de que, na “plenitude dos tempos”, o Messias, seu filho unigênito, viria ao mundo por meio deles.

Sob esse ponto de vista, entende-se, a partir da leitura do Livro de Levítico, que a providência divina fez estabelecer regras que proporcionariam a defesa desse povo contra doenças e outras mazelas comuns aos seres humanos que poderiam até dizimá-lo.

Entretanto, apesar desses importantes registros, diversas pessoas, incluindo algumas que professam o cristianismo, não fazem a leitura desse livro, por considerá-lo cansativo, acabando, assim, por ignorar tão valiosas informações, inclusive para os dias atuais.

Se, durante os séculos e, principalmente, durante o nascimento de cidades ou burgos, Levítico tivesse sido lido a contento e mais bem observado, possivelmente muito sofrimento poderia ter sido poupado. Ressaltam-se alguns registros importantes de que, mesmo com a epidemia da peste negra, na Idade Média e séculos posteriores, proporcionalmente a população judaica foi a menos atingida, e alguns sanitaristas se arriscam em afirmar que tal fato se deve ao zelo dessa nação quanto aos seus hábitos e costumes higiênicos advindos de sua cultura.

Durante a Idade Média, a Igreja cristã não estimulava a leitura da Bíblia, ficando esse privilégio circunscrito aos clérigos e a alguns poucos que sabiam ler e tinham alguma curiosidade ou interesse particular. Dentre as orientações necessárias à sobrevivência da nação hebraica, povo escolhido de Deus, o Livro de Levítico descreve como se deve lidar com animais como os ratos:

Estes também vos serão por imundos entre os répteis que se arrastam sobre a terra; a doninha, e o rato, e a tartaruga segundo a sua espécie (Levítico 11:29, grifo nosso).

E tudo aquilo sobre o que cair alguma coisa deles estando eles mortos será imundo; seja vaso de madeira, ou veste, ou pele, ou saco, qualquer instrumento, com que se faz alguma obra, será posto na água, e será imundo até à tarde; depois será limpo. E todo o vaso de barro, em que cair alguma coisa deles, tudo o que houver nele será imundo, e o vaso quebrareis. Todo o alimento que se come, sobre o qual cair água de tais vasos, será imundo; e toda a bebida que se bebe, depositada nesses vasos, será imunda. E aquilo sobre o que cair alguma parte de seu corpo morto, será imundo; o forno e o vaso de barro serão quebrados; imundos são: portanto vos serão por imundos (Levítico 11:32-35).

Por esses registros, pode-se concluir que o ser humano não deve guardar proximidade com ratos. Entretanto, quer por livros antigos, quer por obras de arte, como a de Poussin, conclui-se que essa não foi a realidade de outras nações e nas nascentes cidades. Acrescenta-se ainda que, mesmo atualmente, existem várias cidades no mundo, de diferentes dimensões, inclusive em países economicamente avançados, onde a população de ratos está descontrolada, com casos de clara negligência de seus governantes, com a falta de políticas públicas adequadas.

Menciona-se como fato relevante que a nação hebraica tinha motivos específicos para que esses animais silvestres não convivessem com o povo. Mas de que forma Deus iria explicar isso para pessoas de conhecimento rudimentar como elas? Entende-se que o Criador, em sua imensa sabedoria, fez isso por meio de ordenanças que constam nas Sagradas Escrituras, particularmente no Livro de Levítico. Entretanto, apesar dessa constatação, existem indagações intrigantes que perseguem diversos pesquisadores da sociologia e das ciências das religiões:

- Será que os clérigos da Idade Média não poderiam ter atentado para essas regras de higiene, entendidas como elementares nos dias atuais?
- Será que não poderiam ter sido mais enfáticos em orientar o povo em geral, especialmente os cristãos, quanto a hábitos e costumes básicos de higiene e limpeza?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Séculos após a grande epidemia de peste negra, que dizimou parte da humanidade no século XIV, médicos descobriram que pulgas de ratos transmitiam aquela “maldição”. Sabemos que as pulgas saem dos ratos após sua morte, alojando-se em outros corpos quentes que estejam por perto. E se o homem, que não devia estar perto dos ratos, estivesse, as pulgas poderiam literalmente pular para eles.

E mais, pulgas ficam nas roupas, nos tecidos e nos utensílios que usamos. Bastava limpar tudo, como orienta a Bíblia, e o problema estaria mitigado.

Ao descer mais uma camada dentro da Bíblia, é possível ver como uma cuidadosa leitura das Sagradas Escrituras e o ensino, baseado em suas informações, poderiam ter poupado ao homem muito sofrimento.

Durante a peste negra do século XIV, os cristãos, mesmo que implorassem pelo favor divino, não obtinham orientação para que pudessem ser bem-sucedidos. Registros importantes mostram que a falta de resposta da Igreja cristã à superação da pandemia daquela época possivelmente tenha sido um dos maiores motivos para seu descrédito. Como descreveu Boccaccio (1979, p. 11): “Pouco adiantaram as súplicas humildes, feitas em número muito elevado, às vezes por pessoas devotas isoladas, às vezes por procissões de pessoas, alinhadas, e às vezes por outros modos dirigidas a Deus”.

Os fiéis, em sua grande maioria, eram analfabetos e não tinham acesso à Bíblia. Esta, por sua vez, publicada em latim, não era traduzida para outros idiomas como é hoje, fato que também restringia sua leitura, inclusive para pessoas alfabetizadas em outras línguas. Somente a partir da Reforma Protestante, iniciada no século XVI, a Bíblia passou a ser traduzida para idiomas correntes da época, como o alemão e o inglês. Com isso, o povo cristão foi estimulado a se alfabetizar e também a alfabetizar seus filhos para que pudessem ler e entender as Sagradas Escrituras por si sós além de poderem criticar seu conteúdo.

Para o cristão, é afirmação de fé que a salvação em Jesus Cristo é um ato individual e que não se compra ou vende, recebe-se pela graça e somente pela graça. Esse foi um dos legados do reformador Martinho Lutero (1483-1546) que, não obstante sua natureza humana com características pessoais e temperamento nem sempre aceitos por seus pares, teve o desprendimento de ler a Bíblia Sagrada e interpretá-la livre de jugos ou dogmas estabelecidos pela Igreja em sua época.

Considerando a realidade vivenciada pela maioria dos cristãos, predominantemente formada de iletrados e sem acesso à Bíblia, especialmente até o século XVI, no tocante aos sacerdotes da época, pode-se parafrasear o texto do Livro de Apocalipse (10:10), escrito pelo apóstolo João – “E tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo”: os sacerdotes deveriam ter “comido” as Sagradas Escrituras, mesmo que seu gosto fosse doce no início e amargo depois, como foi para o apóstolo João.

Neste ponto, retornamos ao Primeiro Livro do profeta Samuel, em seu relato sobre a praga de Asdode. Ao lermos os capítulos quinto e sexto, verificamos que, durante os setes meses em que a arca permaneceu nas mãos dos filisteus, os homens morriam por causa dos tumores que subitamente apareciam e tiravam a vida de muitos, gerando um “terror de morte”.

Os filisteus perceberam que com aquela praga haviam aparecido ratos que estavam “destruindo a terra”. Portanto, conclui-se que efetivamente ocorre a associação entre ratos e tumores mortais. Quando Deus inspirou homens a escrever a Bíblia, relatando qualquer situação, Ele não o fez em vão. Quando as pessoas leem qualquer história descrita na Bíblia nem sempre a “comem”, deixando de usufruir, assim, seu total benefício. O texto apresentado a seguir é claro:

Então, disseram: Qual será a oferta pela culpa que lhe havemos de apresentar? Responderam: Segundo o número dos príncipes dos filisteus, *cinco tumores de ouro e cinco ratos de ouro, porquanto a praga é uma e a mesma sobre todos vós e sobre todos os vossos príncipes. Fazei umas imitações dos vossos tumores e dos vossos ratos, que andam destruindo a terra, e dai glória ao Deus de Israel; porventura, aliviará a sua mão de cima de vós, e do vosso deus, e da vossa terra* (I Samuel 6:4-5, grifos nossos).

Observando o destaque “A praga é uma e a mesma sobre todos vós”, percebe-se que ratos estavam destruindo a terra e com eles apareceram tumores mortais em crianças, adultos e idosos, quer mulheres, quer homens, quer ricos, quer pobres. Portanto, as indagações feitas anteriormente fazem muito sentido:

- Os sacerdotes medievais não poderiam ter feito essa observação?

Em 1630, um comerciante siciliano a fez, visto que encomendou a Poussin uma pintura sobre a praga de Asdode em meio a um surto de peste negra na Itália. O que impediu os sacerdotes da Idade Média de fazer essa mesma leitura? O que os impediu de erguer sua voz em seus púlpitos e templos conclamando o povo a afastar os ratos do convívio e tentar ver se haveria alívio? Existe base bíblica para isso desde os tempos do Antigo Testamento, e, por isso, registra-se essa contestação.

Será que os cuidados com as instituições religiosas, seus dirigentes e seu poder político-econômico podem ter suplantado a verdadeira espiritualidade cristã dos sacerdotes na Idade Média? Será que esse padrão comportamental não existe mais, ou será que isso ainda acontece na Igreja contemporânea? A conclusão é a de que, embora a Bíblia Sagrada não seja uma coleção de livros científicos, ela é seguramente uma regra de fé e prática.

As ciências não se contrapõem à fé cristã, e, portanto, deve-se considerar a vantagem de observar os fatos posteriormente aos esclarecimentos cientificamente relevantes elencados. Mas, quando o homem confia em Deus e se alimenta de Sua Palavra, a ele legada, muito pode ser aprendido. A praga de Asdode é um entroncamento de ricos ensinamentos, assim, do ponto de vista teológico,

não há deus feito por mãos humanas que suplante o Deus de Israel, nem nos tempos remotos de sua antiga civilização, e tampouco hoje.

Do ponto de vista da saúde pública, seja como cientista, ministro religioso ou leigo, devemos estar sempre atentos aos ensinamentos legados por Deus a Israel e a toda a humanidade, com o cuidado de não nos tornarmos simples leitores ou burocratas bíblicos, alienados da mensagem espiritual. Do ponto de vista das artes, tanto a literatura quanto as artes plásticas têm o valor de retratar épocas e “eternizar” situações que nos servem de aprendizado. E do ponto de vista espiritual, a praga de Asdode nos ensina, em pleno século XXI, que somos pequenos e destrutíveis, quer por pragas antigas, quer por pragas contemporâneas, como ocorreu com a recente propagação do coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (*severe acute respiratory syndrome coronavirus 2* – Sars-CoV-2), causador da *coronavirus disease 2019* (Covid-19) e de suas respectivas variantes.

Por fim, conclui-se que é importante e necessário “dissecar” as camadas da Bíblia Sagrada, em busca de sabedoria e entendimento, lendo cada passagem com cuidado e, de acordo com a fé cristã, pedindo ao Espírito Santo de Deus para que nos proporcione o entendimento, segundo sua própria vontade. As camadas da passagem da praga de Asdode são apenas uma pequena parte da riqueza que nos espera em nosso contínuo relacionamento com Deus, por meio das Sagradas Escrituras.

The layered Bible

ABSTRACT

The Bible is the legacy that God left for mankind. Written by men inspired by the Holy Ghost, it compiles descriptions of facts, ordinances, praises, and teachings. The argument of this article is that we do not always understand the depth of what is there. Some take it for a simple literary work, religious allegory, or mobile phone application. Through a specific situation described in I Samuel, the plague of Ashdod, we will make a journey through the sciences and arts, verifying how God had already left a specific account in the Bible, an alert for a distant future, ratifying the idea that when we enter the layers of the Bible, we can enjoy benefits unimaginable to the unwary reader.

KEYWORDS

Plague of Ashdod. Black plague. Yersinia pestis.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, R. *et al.* *Yersinia pestis*: the natural history of plague. *Clinical Microbiology Reviews*, Washington, v. 34, n. 1, p. e00044-19, 2020. Disponível em: <https://journals.asm.org/doi/epub/10.1128/CMR.00044-19>. Acesso em: 6 set. 2022.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução João Ferreira de Almeida. Edição ARA – Almeida, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BOCCACCIO, G. *Decameron*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- GRAINGER, I.; HAWKINS, D. Excavations at the Royal Mint site 1986-1988. *London Archaeologist Association*, v. 5, p. 429-436, 1988. Disponível em: https://archaeologydataservice.ac.uk/archiveDS/archiveDownload?t=arch-457-1/dissemination/pdf/vol05/vol05_16/05_16_429_436.pdf. Acesso em: 6 set. 2022.
- HAENSCH, S. *et al.* Distinct clones of *Yersinia pestis* caused the black death. *PLoS Pathogens*, California, v. 6, n. 10, p. e1001134, 16 Dec. 2010. Disponível em: <https://journals.plos.org/plospathogens/article/file?id=10.1371/journal.ppat.1001134&type=printable>. Acesso em: 6 set. 2022.
- IBEJI, M. Black Death. *BBC*, 17 Feb. 2011. History. Disponível em: https://www.bbc.co.uk/history/british/middle_ages/blackdisease_01.shtml. Acesso em: 15 abr. 2022.
- PESTE ataca humanos desde a pré-história, diz estudo. *Veja*, 6 maio 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/peste-ataca-humanos-desde-a-pre-historia-diz-estudo/>. Acesso em: 23 abr. 2022.
- PITANGA, R. S. O termo hemorroidas na Bíblia. *Revista Brasileira de Coloproctologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 182-185, 1994.
- SCHUENEMANN, V. J. *et al.* Targeted enrichment of ancient pathogens yielding the pPCP1 plasmid of *Yersinia pestis* from victims of the Black Death. *Proceeding National Academy of Sciences of the United States of America*, Porto Alegre, v. 108, n. 38, p. e746-52, 22 July 2011. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/10.1073/pnas.1105107108>. Acesso em: 6 set. 2022.

Recebido em: agosto de 2022 **Aprovado em:** setembro 2022